



LISBOA, 13 de Março de 1914

RAPTO



Assobia-lhe ás botas...

AVISO

A fim de evitar irregularidades no serviço d'expediente d'este jornal, avisamos mais uma vez todos os srs. assignantes, annunciantes, agentes e mais pessoas que tem relações com este semanario, de que são actualmente unicos proprietarios e dirigentes do THALASSA os srs. Jorge Colaço e Crispim, a quem devem sempre dirigir-se para qualquer assumpto d'este jornal.

Toda a correspondencia de caracter litterario deve ser dirigida ao REDACTOR LITTERARIO, e a de caracter administrativo ao Gerente sr. Aprigio Mafra, e sempre para a redacção do THALASSA rua da Rosa 162, 1.^o

Não nos responsabilizamos pela demora das requisições que não sejam feitas n'estes termos.

Partido Monarchico

Ainda o artigo do Sr. Visconde do Banho

Publicamos em seguida a carta que recebemos a proposito do artigo do sr. Visconde do Banho, publicada no *Thalassa*, carta que, por falta de espaço, só hoje podemos inserir.

Sr. Redactor d'O *Thalassa*:

Confesso que fiquei completamente assombrado com a honra de publicidade, *en tete*, que deram á carta do sr. Visconde do Banho, em resposta ao sr. dr. Arruella que preconizava a ideia de um chefe para a causa monarchica.

Ao ler aquelle amontoado de palavras, a custo reprimi a phrase de Cambrene, porquanto, a meu ver, pessimo serviço se prestou á causa monarchica com tal publicação.

Aquillo admite-se como expansão sentimental, queixume magoado, mas nunca como effectivação d'uma verdade imposta pela logica. Senão vejamos:

Parece-me de indiscutivel verdade e até de escusada asserção a imprescindibilidade d'um chefe, para que qualquer ideia vença, vingue.

O chefe ordena, liga, dá cohesão aos elementos combatentes d'essa ideia sem o que, ella morre.

Sem chefe, esses elementos são como membros dispersos d'um corpo em decomposição.

Isto é axiomático, evidentiíssimo.

Ora, apresentar-se El-Rei como chefe d'um partido, só lembra ao diabo ou a algum por elle. El Rei não é chefe politico, mas a encarnação da ideia monarchica.

Ainda mais; querer apresentar El-Rei como chefe, estando separado de nós centenas ou milhares de leguas, é d'um ridiculo atroz. Por esse processo tambem podia ser chefe D. Afonso Henriques ou D. João I com a differença, a favor d'estes, que tem cá os seus restos mortaes.

Mas o peor e onde o sr. Visconde foi d'uma infelicidade espantosa tornando-se mesmo um amigo de Peniche da causa monarchica, foi quando acusou os officiaes de terem ficado com as espadas nas bainhas no simulacro de revolução de 5 de Outubro de 1910.

E' uma acusação extemporanea, desastrada e descabida, porque, ouça-o S. Ex.^o, os officiaes fizeram o maximo que lhes era permitido fazer perante a reles politica, affirmo, porque foi uma politica de capitulação em favor dos inimigos da monarchia.

Esta capitulação que deu aos republicanos o governo de facto, era feita por todos, não excluindo o chefe do estado, com inteiro desanimo dos verdadeiros amigos do throno.

Escuse-me V. de enumerar as provas desde o governo da sinistra figura que se chama Ferreira do Amaral, cujo cuidado toi, não deixar tomar de desanimo os seus amigos *buiças*, até ao governo dado contra todas as razões de estado a essa outra não menos sinistra figura do regulo de Alijó com escala pelo Quartel General onde se poz um commandante invalido e inutil contra o sr. Pimentel Pinto amigo do throno. Isto com apertos efusi-

vos de mão a jornalistas republicanos a que nem todos os homens de bem se honrariam de imitar.

Não será isto verdade?

Se o chefe e o seu governo capitulavam, o que queriam que fizessem os officiaes? Como remar contra a maré com taes timoneiros?

As cousas caminhavam de tal modo que, creio, se se tivessees batalhado e vencido, causando qualquer damno aos amigos republicanos, eu não queria estar na pelle de qualquer official que assim *delinquisse*, taes eram os mimos, as honras, as curvaturas de espinha que as altas individualidades politicas lhes rendiam!!

Quantas vezes eu ouvi officiaes retintamente monarchicos lastimarem-se d'este estado de cousas que os vexava!! Quantas!!

Para que vir agora com essas retalições por se pedir um chefe? Pois não foi precisamente por não haver um chefe, que se deixou Couceiro sósinho na sua incursão de Chaves? Pois a que se deve o fracasso, senão á falta de chefe?

Parece que um forte vento de insanía sopra rijo sobre este pobre paiz que assim perturba os espiritos que deviam ver mais longe.

Creia V. que quasi chorei de raiva ao ver dar as honras de *en tete* aquelle amontoado de palavras que não deviam ser trazidas para a publicidade.

Desculpe a rudeza do que se subscreve com a maxima consideração

De V.

Armando Carlos

Repetimos mais uma vez: este caso da organização do partido monarchico precisa ser muito ponderado.

Sobre o assumpto temos uma maneira de vêr assente pelo que a nossa razão nos diz. Isto, porem, não quer dizer que não respeitemos todas as opiniões, modificando até a nossa, quando as alheias nos consigam convencer.

Acima de tudo, como principio geral, entendemos ser indispensavel não só no presente, como no futuro, a união dos dois ramos dynasticos e a absoluta conformidade d'acção de todos os monarchicos.

Já em dois ou três artigos aqui publicados, tratámos do caso, mas muito nos ficou por dizer sobre tão magno assumpto. A elle voltaremos pois, muito breve, mencionando n'essa occasião fazer um inquerito pelos diversos districtos do paiz sobre a ideia monarchica, que hoje, mais do que nunca, constitue a causa nacional.

Não sabemos quem é o sr. Armando Carlos que assigna a carta acima publicada. Um pseudonimo? Provavelmente. Seja porem quem fór, tudo nos leva a crêr que o critico do artigo do sr. Visconde do Banho é um militar. E assim se comprehende o zelo com que pretende justificar a acção do exercito em face do 5 de outubro e outros factos subsequentes.

Não iremos discutir o *passado*.

Esse, pertence apenas ao juizo severo e imparcial da Historia. D'ella ha apenas que tirar a licção — e que terrivel licção! — e aproveitar os elementos bons que n'elle existam... armazenando em muzeu historico os restantes.

Não concorda o sr. Armando Carlos com a severa critica do sr. Visconde do Banho? Está no seu direito. E tanto lh'o reconhecemos, que inserimos a sua carta.

Mas o sr. Armando Carlos diz que fizemos mal em transcrever o artigo do sr. Visconde do Banho, porque foi um mau serviço á causa e á sua divulgação.

Isso... alto lá.

O que o sr. Visconde do Banho disse, são verdades. Amargas, sem duvida, mas verdades; e a verdade deve declarar-se sempre, quando por ella se combate.

Attribuir os fracassos dos movimentos monarchicos á falta de chefe é... divagação infantil e sonho poetico.

O que foi Paiva Couceiro, senão um chefe? E como obedeceram os *chefiados* a esse chefe? Como responderam os seus camaradas do exercito ás suas cartas e

aos seus manifestos? Como lhe responderam em Vinhaes em outubro de 1911? Como lhe responderam em Chaves em 1912?

Falta de chefe? Mas ainda o recente decreto d'amnistia aponta nada menos de onze, embora entre esses nomes figure um, que todos os monarchicos devem excluir de qualquer ligação ou entendimento.

Falta de chefe, não. Falta de tino e falta de organização, se quizer, e com essa classificação concordamos.

Mas a grande falta tem sido de coragem; a enorme falta tem sido de palavra, a arrepiante falta tem sido de vergonha!

E quanto á razão invocada pelo sr. Armando Carlos de que, nem El-Rei nem Paiva Couceiro podiam ser chefes por *estarem a milhares de leguas da Patria...* batatinhas!

Nem ao menos o exemplo historico de 32 o fez desistir de tão ingenua affirmação?

Convença-se sr. Armando Carlos: o que falta é apenas *acordar*. E, sem luctas sangrentas nem represalias escusadas que o Paiz diga bem alto: acabou a bachanal! Portugal quer voltar a ser terra de gente branca!

Para isso, basta apenas abrir os olhos a meia duzia, obrigando-os a estar quietos com as mãos... e com os pés.

O nosso anniversario

A todos os nossos collegas da Imprensa, e mais pessoas que nos saudaram, enviando para a nossa redacção bilhetes e telegrammas pelo primeiro anniversario do *Thalassa*, os nossos mais sinceros agradecimentos. A *Nação* em especial, pelas boas e carinhosas palavras de apreço e amizade que mais uma vez nos dedicou, e ao *Ritmo* pela sua penhorante gentileza, agradeçamos com o maior reconhecimento, sendo-nos tambem particularmente grata a gentilissima carta com que *Um ex-trezo politico, de Vizeu* nos distinguiu.

INICIATIVA IMPORTANTE

D'um jornal da provincia:

«Sahi para S. Paulo (Brazil) o nosso dedicado amigo e intelligente advogado dr. Eduardo Baptista. E' com magoa que damos esta noticia porque o dr. Eduardo foi sempre um amigo sincero e agora nos vimos privados da sua intimidade. A elle se devem varias iniciativas como a do *pic-nic* na serra de Amendoa».

Acompanhamos o collega provinciano na sua saude pelo intelligente advogado a quem se devem varias iniciativas... como a do *pic-nic* na Serra d'Amendoa.

ASNEIRA NO CASO

Um gazetilheiro que diariamente espana *migalhas* de ressequido espirito, tendo já attribuido a Napoleão (2.º) a estafada apostrophe: «Le clericalisme, voilà l'ennemi», sahe-se agora com esta:

«Como se vê, não é só n'estas regiões da Parvonia, cuja viagem o sr. Guerra Junqueiro fez em tempos. •

Já é erudição!

Confundir Napoleão (2.º) com Gambetta e Guerra Junqueiro com Manuel Bento de Sousa, havemos de confessar que não é para simples *alfabetos*, como S. Snr.ª desdenhosamente appellida os que não costumam tallar do que, nem de longe conhecem

Uff!

Conselheiro José Luciano de Castro

O THALASSA curva-se respeitosa e perante o tumulo do eminente estadista Conselheiro José Luciano de Castro, e apresenta á familia do illustre extinto a expressão do seu sentir.

Accedendo gentilmente ao nosso pedido, o sr. conselheiro Cabral Metello representou este semanario no funeral do illustre homem publico.

REGISTE-SE

Diz o sr. Pedro Muralha n'uma carta dirigida ao *Intransigente*, que a *amistia* foi concedida, não devido ao comicio de Londres, mas devido a um movimento diplomatico á frente do qual se encontrava o Brazil.

Olhem que isto, são elles, os republicanos, que o dizem! O que será quando a historia de toda esta cordealidade se poder fazer á vontade.

Que ricos coraçõesinhos! ..

A LUZA DIPLOMACIA

O *Matin* da rua Formosa, não podendo já occultar nem desmentir as desastrosas consequencias do accordo anglo-allemao a respeito das colonias de Angola e Moçambique, attribue o desastre a manejos dos Senhores D. Manoel e D. Miguel de Braganca!

O illustres mentecaptos, então que diplomacia é a vossa?!... Que valor teem, que importancia ligam as chancellarias das grandes potencias aos vossos *Chicos das Pegas*?!... Como pôde comprehender-se que os representantes diplomaticos de uma Republica honesta e consolidada sejam supplantados por dois Principes para sempre proscriptos de um throno que *zabiu de podre*?!

Como pôde admitir-se que, sendo aquelles dois Principes dois obstinados pretendentes, se estorcem por empanar o brilho da corça que pretendem cingir e do sceptro que pretendem empunhar, e que se empenham por aniquilar a nacionalidade que pretendem reger?!

Em que cabeça se mette, que dois Principes de interesses perfeitamente antagonicos, visto que ambos pretendem o mesmo hypothetico throno, se conciliem e se concertem, precisamente para desvalorisar e amesquinhar esse mesmo throno?!

Aquilataes pelo vosso, cidadãos d'Ambaca, de S. Thomé, da Panasqueira, dos sanatorios do Funchal..., o patriotismo dos legítimos representantes d'aquelles que crearam e engrandeceram esta Patria — que, embora d'isso estejais convencidos, não é loquiduro vosso — o patriotismo dos que grande a desejam ver e grande desejariam deixal-a aos seus vindouros?!

Não queiraes comparar os vossos sentimentos interesseiros de riqueza material para vós e para vossos filhos e a vossa vaidade de *ganhar* eleições, com a legitima aspiração de ser Rei de um grande Povo e de deixar aos seus descendentes o throno de uma grande Patria! De um Povo a quem pertence, de uma Patria que é a sua!...

Se é vantajosa, se é um bom negocio, a alienação das nossas colonias, seja vossa toda a gloria, que ninguem vos contestará nem questionará, a *boa collocação* do nosso patrimonio colonial!

Se, a perda, porém, dos nossos dominios d'alem-mar é mais uma amostra da vossa falta de tacto administrativo, mais uma prova da incompetencia da vossa diplomacia, para vós seja a vergonha do desbarato da herança, que de nossos maiores nos ficou e que a *gloriosa* manha de 5 d'outubro entregou á vossa guarda! Ao pótro da ignominia morrereis amarrados, e em esgares repellentes como os de cão tihoso arrastado para immunda viella!...

Ponde pois ponto no vosso desmesurado cynismo, na vossa reconhecida má fé! A Cesar o que é de Cesar!

Mas, se a inconsciencia vos turbar o espirito, ou o sectarismo vos cegar a razão, a continuação das vossas parvoçadas não nos molestará nem nos enojará; apenas nos proporcionará motivo para applicar um dos muitos aphorismos, que o bom velho padre Simões nos legou:

Stultorum infinitus numerus est!...

O THALASSA

LEI DA SEPARAÇÃO



FÉ e PÁTRIA

Por mais que puxes não conseguirás separa-las.



Album dos presos políticos

1.º — **Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz.** — Distincto jornalista. Redactor da *Nação*. Preso em 27 de agosto de 1912. Esteve

incommunicavel durante 14 dias. Julgado pelo tribunal marcial de Lisboa em 16 de fevereiro de 1913 e condemnado a 2 annos de prisão maior cellular ou na alternativa de 3 annos de degredo. Removido da cadeia do Limociro para a Penitenciaría de Coimbra em 18 de agosto de 1913 e restituído á liberdade pelo decreto de 21 de fevereiro de 1914. Defensor dr. Preto Pacheco.

2.º — **Conde de Mangualde (D. Fernando).** — Antigo official de artilharia. Uma das figuras mais heroicas da segunda incursão monarchica. Julgado pelo tribunal marcial de Chaves, foi condemnado em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 12 de degredo ou na alternativa em 20 annos de degredo. Arrostando todos os perigos, voltou a Portugal em outubro de 1913, sendo preso no Porto no dia 24 d'esse mez e conduzido para o Aljube donde transitou para a Penitenciaría de Lisboa onde esteve até 22 de fevereiro de 1914, sendo restituído á liberdade por effei-

to do decreto de 21 do mesmo mez.

3.º — **Antonio Manzoni de Sáqueira.** — Illustre membro do conselho administrativo da *Nação*. Preso no Castello de S. Jorge durante 10 dias. Julgado pelo tribunal marcial de Lisboa em 16 de fevereiro de 1913 e condemnado a 2 annos de prisão maior cellula ou na alternativa de 3 annos de degredo. Restituído á liberdade pelo decreto de 21 de fevereiro de 1914.

4.º — **José Bruno de Cabedo (Zambujal).** — Brrioso officia de lanceiros. Foi preso pela primeira vez em 30 de maio de 1911, soffrendo 25 dias de incommunicabilidade. Novamente preso em 8 de julho de 1912. Esteve 50 dias incommunicavel, ou seja um total de 75 dias d'esta tortura. Julgado pelo tribunal marcial de Lisboa em 8 de julho de 1912 e condemnado em 20 mezes de prisão correccional e egual tempo de multa a 500 réis por dia.

Restituído á liberdade por effeito do decreto de 21 de fevereiro de 1914.

to do decreto de 21 do

mesmo mez.

3.º — **Antonio Man-**

zoni de Sáqueira. —

Illustre membro do

conselho administrati-

vo da *Nação*. Preso

no Castello de S.

Jorge durante 10 dias.

Julgado pelo tribunal mar-

cial de Lisboa em 16

de fevereiro de 1913 e condemnado a 2 annos de prisão maior cellula

ou na alternativa de 3 annos de degredo. Restituído á liberdade pelo

decreto de 21 de fevereiro de 1914.

4.º — **José Bruno de Cabedo (Zambujal).** — Brrioso officia de lanceiros. Foi preso pela primeira vez em 30 de maio de 1911, soffrendo 25 dias de incommunicabilidade. Novamente preso em 8 de julho de 1912. Esteve 50 dias incommunicavel, ou seja um total de 75 dias d'esta tortura. Julgado pelo tribunal marcial de Lisboa em 8 de julho de 1912 e condemnado em 20 mezes de prisão correccional e egual tempo de multa a 500 réis por dia.

Restituído á liberdade por effeito do decreto de 21 de fevereiro de 1914.

D. Maria da Soledade Botto Mafra

Acaba de soffrer mais um profundo golpe no seu coração de filho extremoso, o nosso prezado amigo Aprigio Mafra, illustre redactor da *Nação* e gerente d'este jornal.

Tendo, ainda ha bem pouco tempo, perdido um irmão, de novo se encontra enlutado pela morte de sua querida mãe a Senhora D. Maria da Soledade Botto Mafra, virtuosa senhora que se finou, a semana passada na casa da sua residência em Portalegre.

A Aprigio Mafra e a toda a sua familia envia o *Thalassa* a expressão seu maior sentir.

?

Pergunta-nos um leitor o que ha sobre o Thesouro da Sé de Lisboa.

O que ha? Ora o que ha-de haver! Provavelmente, *não ha nada.*

UMA VIAGEM TRIUMPHAL

Dizem de S. Paulo (Brazil) que o primeiro «viva» com que o conselheiro Bernardino foi saudado, quando all chegou como *embaixate*, foi o de um engraxador italiano!

São ainda, não ha que ver, vestigios das sympathias internacionaes, que o cordeal diplomata conquistou como ministro dos estrangeiros do *provisorio*.

Mas, como nem tudo são rosas, o sr. Bernardino, que em S. Paulo foi tão bem recebido... pelo *artista d'escova e cuspo* italiano, não logrou em Santos a mesma *cordelidade*. Aqui encontrou os abrolhos!

N'esta cidade fizeram-se altas diligencias para que a directoria da *Beneficencia Portuguesa*, a mais importante agremiação de compatriotas nossos que existe em Santos, comparecesse na estação a esperar o *grande Elias*, mas a directoria... não foi no botel!

Não satisfeitos com este insucesso, ainda tentaram, os festeiros do presidente *manguê*, obter um outro testemunho de consideração: um convite ao grande diplomata para visitar a séde da *Beneficencia*.

Este alvitre foi repellido — muita ingratidão ha por esse mundo! — pelo presidente da directoria muito clara e positivamente:

— O sr. representante de Portugal pôde visitar o hospital quando quizer. Será recebido com todas as deferencias devidas ao alto cargo que desempenha, e distinguido com a lhaneza dispensada a todos os visitantes; mas a visita do sr. Bernardino Machado politico, não dá honra a esta casa, antes a enluta.

... O grande embaixador, a quem deram conhecimento do fracasso da *démarche*, *chuchou-a pela borriacha* e, apparentando philosophica resignação, foi *premier o burribo* a bordo do barco, que as 6 horas da manhã do dia seguinte levantava ferro e o reconduzia ao Rio de Janeiro! — A *Beneficencia*, passados poucos dias reelegia a sua directoria por unanimidade.

IMPORTANTÍSSIMO... PARA NÓS

Aos srs. agentes d'O *Thalassa* rogamos o favor de mandarem satisfazer as suas contas com a maior brevidade, remetendo as importancias para a nossa administração, rua da Rosa, n.º 162, 1.º D.

Estamos remetendo para o correio a cobrança dos nossos assignantes da provincia, a quem pedimos o pontual pagamento dos seus recibos, a fim de nos evitarem transtornos e despezas.

Da sua dedicacão esperamos um gentil defferimento a este nosso pedido, pois são grandes os encargos d'O *Thalassa*, que vive exclusivamente dos seus leitores.

POR CAUSA DAS MOSCAS...

Pergunta-nos um leitor porque seria que o sr. Affonso Costa foi para o Algarve logo que se publicou a amnistia.

Ora porque havia de ser! Por modestia. Não quiz que os presos politicos se incommodassem a agradecer-lhe toda a sua boa vontade na amnistia.

QUEM SE HABILITA?

Na America do Norte realisou-se agora um concurso muito interessante e original.

Tratava-se de apurar o typo da *mulher normal*.

Miss Ida Zackmann, atortunada escolhida pelo jury, recebeu um premio, em bom metal, no valor equivalente a cinco contos de reis da moeda *ominosa* portugueza.

Camacho, cientista-philosopho, empenha-se em que entre nós se realice um concurso semelhante para o sexo forte. — O grande intellectual deseja escolher um homem completo e perfeito.

O premio para o feliz preterido consistirá n'uma assignatura do *Heraldo da Bica*, gratuita por um anno, com direito a todos os bonus, premios e outros engodos, em concorrência com os freguezes pagantes.

E' tentador!

Lêr no proximo numero d'O THALASSA

Notavel coincidência — artigo sensacional. Complemento da *Auto-revelação d'un caracter* publicado n'este jornal no seu numero de 6 de Fevereiro ultimo e que tão grande sensação causou.

Numeros esgotados

Encontrando-se completamente exgotados os n.ºs 2 e 27 do *Thalassa*, pedimos a todos os nossos leitores que desejem exemplares d'estes numeros, o favor de no-lo communicarem, para, no caso de valer a pena, mandarmos fazer novas edições.

Capas para colleções do THALASSA

Tencionamos pôr brevemente á venda lindissimas capas azues e brancas para a colleção do 1.º anno do *Thalassa*, illustradas por Jorge Colaço.

Não podemos ainda fixar o seu preço definitivo, por depender, não só do numero da tiragem, como das despezas da gravura, etc. No entanto *não excederá a importancia de mil réis cada uma.*

Rogamos a todos os nossos leitores que desejem adquirir as *capas illustradas para a colleção do 1.º anno do Thalassa*, o favor de no-lo communicarem para a nossa redacção atim de podermos fazer a tiragem e annunciar definitivamente o preço.

Theatros

NACIONAL — A's 9 h. — *Extremis da Muda Casada* de Anatol France e a farça *Gil Vicente igneo Pereira*.

GYMNASIO — A's 9 h. — A engraçadissima comedia *Não largues Amelia* que é, incontestavelmente, a peça que mais justificado successo tem feito nos ultimos tempos. No decorrer dos seus 4 actos o publico bom rir, o que afinal, não é mais do que a confirmação merecidissimo tempo invencivel do alto valor que distingue a chistosa Feydeau.

TRINDADE — A's 9 h. — A celebre opereta *Dame* mais successos da Companhia Taveira.

APPOLO — A's 9 h. Repete-se a revista de incompre e *União* que constitue o melhor espectáculo da actual vista é todas as noites ampliada com novos numeros pre seguro.

AVENIDA — A's 9 h. — A operetta *Maria* tem com successo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 h. — espectáculo de Lisboa. Mais uma apresentação *King King* cujos trabalhos são inteiramente riedades esplendido, e a applaudida peça *dos Abruzzos* em que a Companhia Ono

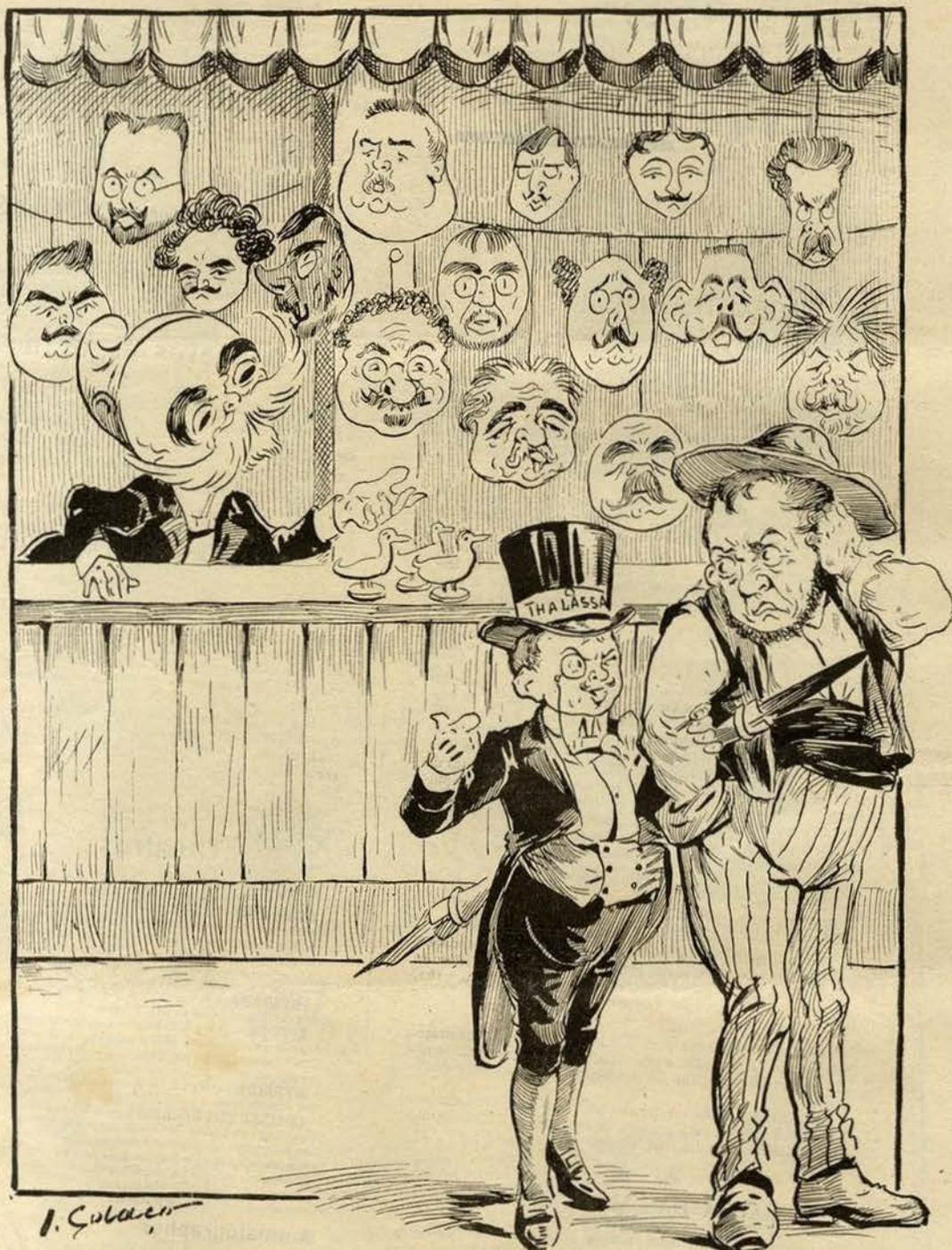
A notavel Companhia Holandesa de sempre com merecido entusiasmo.

Animatographos

Terrasse: Rua Antonio M des. — Salão da Trindade da Liberdade. — Chanticle

aria Cardoso. — Olympia: 1 Rua da Trindade. — Cent: 1: Praça dos Restauradores.

Saldo de mascaras para a "mi-caréme"



O THALASSA: Amigo Zé tens ali "caraças" para todos os paladares.
O ZÉ: Livra! São todas de estanho...